

PAULO FREIRE: REINVENÇÃO DA ÉTICA

Coordenador: Balduino A. Andreola

Expositores: Balduino A. Andreola e Gomercindo Ghiggi

RADICALIDADE ÉTICA DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Balduino A. Andreola²²⁴

“Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros...” (FREIRE)

Introdução

As palavras citadas na epígrafe são as últimas que Freire nos deixou por escrito, na sua terceira Carta Pedagógica inacabada. Uma carta sem ponto final. As reticências nos dizem que é compromisso nosso retomarmos aquele brado vigoroso a favor da vida, contra a perversidade total de um projeto que a minoria super-rica e supernutrida de nosso planeta agonizante está querendo impor à humanidade, como único caminho possível. O brado final de Freire lembra-me o grito igualmente dramático de outro profeta de nossos tempos. O filme “Romero” registra uma cena dessas cuja eloquência trágica lhe empresta uma voz que se torna eterna, como um eco imenso, universal, planetário e cósmico de todos nós. O grande arcebispo mártir salvadorenho, barrado diante dos portões do cárcere onde queria levar o abraço fraterno e uma palavra de esperança aos presos políticos, subitamente, como se uma corrente elétrica de milhões de Wats se descarregasse sobre ele, é sacudido em todas as fibras de seu ser, pelos gritos horrendos vindos da masmorra onde os prisioneiros estavam sendo torturados.

Em momentos decisivos como aquele, os grandes profetas se revelam na incomensurabilidade de uma força que não é mais humana, pois ultrapassa os limites do tempo e do espaço. O arcebispo Romero grita com um volume de voz impossível a qualquer homem comum: “So-mos se-res hu-ma-nos!... So-mos se-res hu-ma-nos! So-mos se-res hu-ma-noooooooooos!!!...”

Há situações e momentos cuja dramaticidade cruel é tanta, que, sem recorrer a discursos ou argumentações “convincentes”, nos sentimos, desde as profundezas de nossa existência de seres humanos, intensamente envolvidos numa rede planetária de solidariedade, que nos convoca a fazermos algo, a fazermos tudo o que é possível, para os que são atingidos pela tragédia, nada importando as diferenças ou distâncias que em geral nos separam ou nos opõem. Eu estava para dizer que foram várias, em tempos recentes, tais situações. Corrijo-me, porém, dizendo que nunca, talvez, na história da humanidade, foram tantas, tão graves e tão universais. Fome, miséria, guerras de extermínio, epidemias,

²²⁴ Doutor em Educação pela Universidade de Louvain, Bélgica. Professor da UFRS.

desemprego, repressões, torturas, perseguições violentas, exclusão crescente, são algumas faces da desumanização, forjada não pelas forças da natureza ou por desígnios extra-humanos, mas sim pela ganância, pelo egoísmo, pelo ódio, pela insensibilidade. Se acrescentarmos a isto os problemas ambientais, que ameaçam a explosão ou implosão do planeta como casa comum da humanidade, os traços da paisagem tornam-se ainda mais sombrios.

1 ética como afirmação e defesa da vida

Os dois gritos, o de Romero e o de Freire, são gritos em defesa da vida e da dignidade humana, espezinhadas, golpeadas, mortalmente feridas de mil maneiras, de formas as mais cruéis, ao longo de todo o século recém-findo, sem acenos de que o novo século poderia ser melhor. Paulo Freire estava, como poucos cidadãos do século XX, profundamente consciente desta situação. Foi por isso que o último livro por ele publicado, Pedagogia da Autonomia, e o livro póstumo Pedagogia da Indignação, são perpassados, da primeira à última página, pela preocupação ética, como afirmação e defesa da vida. Não irei deter-me em numerosas citações de seus livros. O que me parece importante é salientar a centralidade da reflexão ética em sua obra e da fundamentação ética do seu discurso pedagógico-político, bem como de toda a sua prática de maior educador do século. A preocupação em salientar esta dimensão ética em Freire significa, da minha parte, um convite a uma releitura de sua obra dentro desta ótica hermenêutica. Tão importante como esta releitura, parece-me a leitura de sua obra no contexto amplo que eu já denominei “Pedagogia das grandes Convergências”, que se constitui também numa “Ética das grandes Convergências”, surgida de “situações-limite” globais, que a estabelecem por isso como “Ética das grandes Urgências”. Destas “Urgências/Convergências” ocupar-me-ei na segunda parte deste trabalho. Por ora, desejo explicitar um pouco a centralidade e radicalidade ética em Freire, pinçando algumas passagens mais significativas de seus livros.

Já nas primeiras páginas de Pedagogia da Autonomia (1997:15-17), Freire declara com insistência suas opções éticas, coerentes com sua crítica permanente “à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível à utopia”. É assim que ele proclama:

“Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo (...) Em tempo algum pude ser um observador ‘acinzentadamente’ imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética (...) O meu ponto de vista é o dos “condenados da Terra”, o dos excluídos. (...) Este pequeno livro se encontra cortado ou permeado em sua totalidade pelo sentido da necessária eticidade que conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora. Educadores e educandos, não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro.”

A ética afirmada e assumida por Freire não pode ser taxada de essencialista, de apriorista ou, tanto menos, de formal. Trata-se de uma ética proclamada como universal a partir da necessária eticidade do ser humano, extraída por Freire de sua experiência existencial e histórica. Esta experiência, transformada em reflexão crítica e em

compromisso perene com a ação pedagógico-política, Freire a trouxe de muito longe, como nos refere no livro Conscientização (1979:14):

“A crise econômica de 1929 obrigou minha família a mudar-se para Jabotão, onde parecia menos difícil sobreviver. Uma manhã de abril de 1931 chegávamos à casa onde viveria experiências que me marcariam profundamente. (...) Em Jabotão perdi meu pai. Em Jabotão experimentei o que é a fome e compreendi a fome dos demais. Em Jabotão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. (...) Em Jabotão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens.”

Eu já falei de uma “arqueologia” da opção fundamental de Freire, que se localiza e se temporaliza naquela experiência histórico-existencial: “Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens.” É lá, naquela vivência remota da fome, da dor, do sofrimento humano, que tem origem a Pedagogia do Oprimido, não como livro apenas, mas sobretudo como um compromisso ético e um imenso projeto pedagógico-político de libertação, que já não pertence a Freire, porque a Humanidade inteira dele se apoderou, recriando-o de mil formas, através de inúmeros projetos coletivos, em todos os quadrantes da terra. Freire manteve até o fim a coerência total com aquela decisão fundante e com aquele projeto; o olhar firme no horizonte da utopia, os pés, porém, encharcados da realidade permanente da história, como o proclama com clareza total em seu derradeiro livro (1997:144-146):

“O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua ética é a do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente. O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca (...).

Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união das classes trabalhadoras do mundo contra sua espoliação. Agora, necessária e urgente se fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos submetidos à ‘fereza’ da ética do mercado (...) Antes mesmo de ler Marx já fazia minhas as suas palavras: já fundava a minha radicalidade na defesa dos legítimos interesses humanos. (...)

A grande força sobre que alicerçar-se a nova rebeldia é a ética do ser humano e não a do mercado, insensível a todo reclamo das gentes e apenas aberta à gulodice do lucro. É a ética da solidariedade humana.

A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano. A liberdade de comércio sem limite é licenciosidade do lucro. Vira privilégio de uns poucos que, em condições favoráveis, robustece seu poder contra os direitos de muitos, inclusive o direito de sobreviver.”

Freire, definido magistralmente por Rubem Alves como “uma presença mansa”, se transmuta prodigiosamente em gigante e guerreiro, quando sua fala, marcada pela boniteza da poesia, se transfigura em denúncia, como na terceira Carta Pedagógica (2000:67): “*Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor.*”

Estarrecido perante o episódio que sacudiu, em 1997, a consciência humana de todas as brasileiras e de todos os brasileiros que o cinismo não depravou, as reflexões de Freire se transfiguram num poema épico em defesa da vida na sua universalidade, sob todas as suas formas. Segundo ele, (2000:66), aquela “trágica transgressão da ética” dos assassinos de Galdino, o índio pataxó,

“nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas.”

Tal defesa veemente não se inspira em sentimentos vagos, mas sim na radicalidade de uma exigência ética que ele assim proclama:

“Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.”
(Ib.: 67)

Esta radicalidade ética de Freire, que perpassa as páginas, todas quase, dos seus livros Pedagogia da Autonomia e Pedagogia da Indignação, como compromisso com a vida e com a humanização, constitui fundamentalmente a alma da Pedagogia do Oprimido enquanto projeto de libertação, do qual os numerosos livros de Freire expressam diferentes desdobramentos. Este olhar unificador, através da obra de Freire, leva-nos a interrogar-nos sobre qual seria o núcleo central ou princípio originário da Pedagogia do Oprimido. A resposta parece encontrar-se nesta afirmação de Freire (1988:75): “Ninguém pode ser autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O ser mais que se busque no individualismo conduz ao ter mais egoísta, forma de ser menos. De desumanização.”

Esta passagem de Pedagogia do Oprimido explicita e denuncia, a meu ver, a negatividade extrema, sob os pontos de vista ético e ontológico, da relação dialética opressor/oprimido. Tal relação significa a negação absoluta do compromisso humano com a vida, constituindo-se numa relação inteiramente necrófila. A negação é absoluta, porque não é possível afirmação e realização da vida, do ser mais, baseadas na negação deste direito para o outro. Segundo Freire (1988:43): “Os opressores, violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente ser.”

Ou, dito por Freire em outras palavras (Ib.: 30): “A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação de ser mais.”

2 ética das grandes convergências e das grandes urgências

Podendo ser vista e lida como uma “ética do oprimido” ou “ética da libertação”, a Pedagogia do Oprimido, enquanto formulação teórica e enquanto projeto histórico, se aproxima de outras obras de grande envergadura, numa perspectiva de convergências e de

complementariedades muito fecundas. Neste sentido é que podemos falar em “Ética das grandes Convergências”. Tais convergências surgem a partir de “situações-limite” extremamente graves da atualidade, decisivas para a própria sobrevivência da humanidade. É por isso que podemos denominá-la também “Ética das grandes Urgências”.

Para entendermos o sentido destas “convergências”, basta lembrarmos alguns nomes de personalidades que marcaram o século recém-findo, não apenas por seu pensamento, mas sobretudo por suas lutas a favor do entendimento, da solidariedade e de um mundo mais humano. Sem preterir outros, eu lembraria os seguintes nomes: “Gandhi, Luther-King, João XXIII, Simone Weil, Helder Câmara, Frantz Fanon, Michel Duclercq, Emmanuel Mounier, Paramahansa Yogananda, Teresa de Calcutá, Mandela, Che Guevara, Paulo Freire, Pierre Weil, Amílcar Cabral, Enrique Dussel, Herbert de Souza (Betinho), Ivan Illich, Fritjof Capra, Romero, Dalai Lama, E. Levinas, P. Ricoeur, Roger Garaudy, Leonardo Boff.”

Não podendo explicitar, nos limites deste trabalho, o alcance e o sentido de todas estas convergências, deter-me-ei sobre algumas delas, sendo, assim mesmo, bastante sucinto; escolhi como referências principais, Levinas, Mounier e Dussel, sem excluir ganchos com o pensamento ou a práxis histórica de outros. A partir do que me parece o núcleo central das concepções de cada um, tentarei uma aproximação com a proposição já citada que encerra, a meu ver, o núcleo central da ética e da pedagogia de Freire (1988:75): “Ninguém pode ser autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical.”

Levinas escreveu um livro, muito breve, mas extremamente denso, cujo título expressa, por si só, com toda a clareza, a radicalidade da sua concepção da ética: “Ética como Filosofia Primeira” *. O editor salienta explicitamente esta dimensão, ao escrever, na contracapa do livro: “Prolongando a inspiração das obras precedentes, ele afirma vigorosamente a radicalidade da ética por ele pensada, anteriormente a toda moral, como ‘filosofia primeira’.”

Considerações em torno de Emmanuel LEVINAS, *Ethique comme Philoophie première, 1998.*

Não se trata, a meu ver, de anterioridade apenas com relação à moral, mas sim à própria ontologia. A questão primeira, que se nos impõe como questão absoluta, não é a questão do Ser, mas sim a questão do Outro. É o rosto do outro que me interpela. Questão que Levinas (Ib.: 108-109) define como:

“questão onde o ser e a vida despertam para o humano. Questão do sentido do ser – não a ontologia da compreensão deste verbo extraordinário, mas a ética de sua justiça. Questão por excelência ou a questão da filosofia. Não: por que o ser antes do nada, mas sim: como o ser se justifica.”

O sentido radical desta justificação do ser pessoal na sua existência histórica concreta não deixa lugar a dúvidas num outro texto de Levinas, que declara: “(...) quanto a mim, eu me pergunto até se meu ser é justificado, se o Da de meu Dasein não é já a usurpação do lugar de alguém.”

A ganância do ter mais ilimitado de alguns, interditando aos outros, às grandes maiorias o direito de ter, de poder e de ser é a expressão mais brutal desta “usurpação”, categoria usada já por Pascal e, inspirando-se nele, enfatizada por Levinas. “Usurpação”,

em Levinas, não é uma referência abstrata. É num tom dramático que ele proclama (Ib.: 93):

“Ter que responder de seu direito de ser, não por referência à abstração de alguma lei anônima, de alguma entidade jurídica, mas na preocupação pelo outro. Meu ser-no-mundo ou meu ‘lugar ao sol’, meu estar em casa, não têm sido usurpação dos lugares que cabem ao outro homem já por mim oprimido e esfomeado, expulso num terceiro mundo? um repelir, um excluir, um exilar, um despojar, um matar? ‘Meu lugar ao sol – dizia Pascal – o começo e a imagem da usurpação de toda a terra’ .”

No prefácio ao livro de Levinas, citado anteriormente, Rolland (Ib.: 46), esclarecendo que o sentido ético se articula a partir da irrupção do outro como alteridade, enfatiza que a constituição do eu, a gênese da “ipseidade” e da unidade do ser pessoal se faz “sob o choque do outro”. Esta inversão ética da reflexão filosófica não é algo indiferente, uma questão apenas de método. É a inversão do ponto de partida, que o desloca da questão do “Ser” da filosofia do “centro”, própria da tradição filosófica indo-européia, para a questão da irrupção do “Outro”, do face-a-face, do rosto do “Outro” espacial e historicamente situado. Esta constituição da “ipseidade” a partir do outro, converge, sob muitos aspectos, com a concepção que Mounier tem da pessoa, ao reconhecê-la indefinível e ao tentar redesenhar a trama de sua complexidade. Depois de haver delineado o esboço da pessoa num horizonte amplo, na Introdução e no capítulo I do livro O Personalismo, ao iniciar o II capítulo (1976:59) declara:

“Trata-se de investigar agora sua experiência fundamental. Contrariamente a uma opinião em voga, esta não consiste nem na originalidade, nem na auto-suficiência, nem na afirmação solitária; não consiste na separação, mas na comunicação.”

Mounier não está interessado numa reflexão apenas filosófica, que o leve a definir abstratamente as estruturas do mundo pessoal. Seu ponto de partida é a crise total de uma civilização, marcada por processos terríveis de desumanização. Basta lembrar que ao longo dos quatro volumes de suas Obras, a temática da opressão aparece, sob vários ângulos, mais de trezentas e cinquenta vezes.

Mas a denúncia proferida por Levinas contra a “usurpação”, executada sob tantas formas, lembra-me também a veemência da indignação de Simone Weil (1993:151) contra “a destruição da América pelo massacre e da África pela escravidão (...)”

A repulsa de Fanon, no seu clássico da descolonização “Os Condenados da Terra” (1999: 271-272), situa-se na mesma linha, assumindo, porém, o tom da revolta que explode de sua alma terceiro-mundista:

“Deixemos essa Europa que não cessa de falar do homem enquanto o massacra por toda a parte onde o encontra, em todas as esquinas de suas próprias ruas, em todas as esquinas do mundo. Há séculos que a Europa impede o avanço dos outros homens, e os submete aos seus desígnios e à sua glória, há séculos que, em nome de uma suposta ‘aventura espiritual’, vem asfixiando a quase totalidade da humanidade. Vemo-la hoje oscilar entre a desintegração atômica e a desintegração espiritual.”

A citação de Fanon num escrito sobre Freire não é aleatória. Fanon é um dos pensadores revolucionários do terceiro mundo com quem Freire demonstra, em seus livros, uma afinidade especial de pensamento e de opções político-pedagógicas. Esta teia de afinidades apenas acenadas brevemente nos leva às convergências entre Freire e Dussel, o

mais conhecido dos filósofos da libertação. São muitas e extremamente ricas as afinidades, complementariedades recíprocas e convergências que ligam a Filosofia da Libertação, a Pedagogia da Libertação e a Teologia da Libertação. Limito-me aqui a sinalizar a importância dada por Dussel, em sua volumosa obra (671 páginas) intitulada Ética da Libertação (2000), à contribuição de Freire, salientando alguns aspectos mais importantes desta convergência. Dussel intitula significativamente o Capítulo 5: “A validade anti-hegemônica das vítimas”, e inicia esclarecendo: **“Esta é uma ética da vida. A consensualidade crítica das vítimas promove o desenvolvimento da vida humana. (Ib.: 415).”**

O título do livro principal de Freire, Pedagogia do Oprimido, estabelece como ponto de partida para o processo de libertação a iniciativa dos oprimidos, na mesma linha de Dussel, que parte dos oprimidos vistos como “vítimas” no processo histórico da opressão e da exclusão. Dussel estabelece uma diferença essencial entre a Ética do Discurso e a Ética da Libertação, explicando que tal diferença (Ib.: 418):

“situa-se precisamente no seu ponto de partida. A primeira parte da própria comunidade de comunicação; a segunda, dos afetados excluídos dessa comunidade: as vítimas da não-comunicação. Por isso, - segundo Dussel - a primeira se encontra em posição de ‘inaplicabilidade’ (...).”

No coração deste capítulo, sob o título “Processo ético-crítico em Paulo Freire”, Dussel discorre ao longo de dezesseis páginas (427-443) sobre as contribuições de Freire para a ética da libertação. Comparando as posições de Piaget, de Kohlberg, de Fenerstein, de Vygotsky e de Habermas com “a posição propriamente ético-crítica (...) no processo de conscientização (...) de Paulo Freire” (...) Dussel declara (Ib.: 427):

“Este último, como se poderá ver, conserva uma originalidade própria (um autêntico ‘anti-Rousseau do século XX’) que desejamos justificar a partir de uma definição precisa da dialogicidade intersubjetiva da razão discursiva ético-crítica, que inclui então a dimensão estritamente ética do conteúdo material negado (não sendo meramente uma moral-formal como no caso de Kohlberg ou Habermas). Freire não é simplesmente um pedagogo, no sentido específico do termo, é algo mais. É um educador da ‘consciência ético-crítica’ das vítimas, os oprimidos, os condenados da terra, em comunidade. Espero que se possa agora situar adequadamente a sua contribuição (ou talvez os seus limites).”

Depois de analisar demoradamente os vários aspectos da conscientização como processo de construção de uma consciência ético-crítica, Dussel (Ib.: 443) lembra que, inspirando-se “em Hegel, Merleau-Ponty, Sartre, Marcel, Mounier, Jaspers, Marx, Lukács, Freud e muitos outros,

“(...) Freire desenvolve um discurso próprio a partir da realidade das vítimas do Nordeste brasileiro e da América Latina, para generalizar sua teoria e prática pedagógica, na África primeiro e, posteriormente, em outros países periféricos, e também centrais. É uma pedagogia planetária que se propõe o surgimento de uma consciência ético-crítica. Sua ação educadora tende, então, não só a uma melhoria cognitiva, até das vítimas sociais, ou afetivo-pulsional, mas à produção de uma consciência ético-crítica que se origina nas próprias vítimas por serem os sujeitos históricos privilegiados de sua própria libertação.

O ato pedagógico crítico se exerce no próprio sujeito e na sua práxis de transformação: a libertação assim é o ‘lugar’ e o ‘propósito’ desta pedagogia.”

Dussel realiza uma leitura de Freire extremamente original, nesta perspectiva de uma “ética da libertação”, atribuindo a ele uma contribuição da maior importância. Para esta sua hermenêutica ética da obra de Freire, Dussel não se baseia nos últimos livros de Freire, onde a tematização ética é muito mais explícita e ampla. Este registro não desmerece a análise de Dussel. Pelo contrário. Com efeito, ao surgir Pedagogia da Autonomia, em 1997, Dussel devia estar com seu volumoso livro já no prelo. O que nos surpreende, positivamente, é que, sem conhecer as explicitações mais recentes de Freire em torno dos temas e dos problemas éticos, Dussel soube descobrir e analisar com amplitude e profundidade, como ninguém, talvez, até hoje, as dimensões éticas da obra de Freire. Esta hermenêutica ética de Dussel é um convite a relermos Freire nesta ótica, hoje em que a crise profunda e universal dos valores éticos, estimulada pela (anti) ética da ganância e da especulação, torna mais urgente do que nunca a reflexão ético-crítica, como o próprio Freire nos sinalizou através da relevância que deu a esta temática nos seus últimos livros.

conclusão

Retomo a questão crucial posta por Levinas (1998:93):

“Meu ser-no-mundo, meu ‘lugar ao sol’, meu estar em casa, não têm sido usurpação dos lugares que cabem ao outro homem já por mim oprimido e esfomeado, expulso num terceiro mundo? Um repelir, um excluir, um exilar, um matar?”

Segundo a reflexão de Freire (1988:30 e 43), tanto os oprimidos quanto os opressores são reduzidos a desumanização e proibidos de ser; os primeiros, porque submetidos a condições infra-humanas de vida; os segundos, pela crueldade com que usam do poder para usurpar dos outros o direito de ter e de ser como gente. Traduzindo em termos atuais a “usurpação” do lugar, da casa do outro, de que falava já Pascal e que tanto preocupou Levinas, atinge hoje dimensões globais e planetárias. As ameaças à vida de nosso planeta são hoje tantas e tão descomunais, que se torna tragicamente ridículo um presidente pensando que possa preservar a segurança e o bem-estar de seu povo, através de um escudo protetor, ao mesmo tempo que lidera as piores formas de devastação de todas as formas de vida e de convivência. As ameaças são tais que reclamam uma “Ética radical das grandes Urgências” que inspire igualmente “Políticas das grandes Urgências”.

Há razões de sobra para que Leonardo Boff inicie seu livro Saber Cuidar (1997:17) com estas palavras: **“Este livro vem escrito a partir de uma perspectiva de urgência. Por toda a parte apontam sintomas que sinalizam grandes devastações no planeta Terra e na humanidade (...).”**

A humanidade no seu conjunto vem enfrentando ameaças colossais à sua sobrevivência. Mounier tinha a sensação clara desta situação há mais de cinquenta anos, quando escreveu em seu livro La Petite Peur du XX^{ème} Siècle (1949:356-357):

“Neste momento a humanidade como tal deverá escolher, e ela precisará, com toda certeza, de um esforço heróico para não escolher a facilidade, o suicídio. Pode-se dizer que sua maturidade começa nesta hora (...). O novo fruto da árvore da ciência que foi semeado em Hiroshima e Bikini relembra

estranhamente a primeira. (...) naquele instante o homem saía de sua menoridade (...).”

É nesta mesma perspectiva de urgência extrema que Ricoeur declara (1968:282):

“Pode-se mesmo dizer que o perigo nuclear nos faz um pouco mais conscientes dessa unidade da espécie humana, de vez que, pela primeira vez, podemos sentir-nos ameaçados como um só corpo, globalmente.”

O livro de Leonardo Boff, citado acima, traz o subtítulo: Ética do humano – compaixão pela terra. Este subtítulo me evoca a famosa Carta do Chefe Seattle, escrita ao “Grande Chefe Branco de Washington” em 1854. Tal carta é considerada por muitos o mais belo “Poema Ecológico” que a humanidade criou. O Chefe indígena declara:

“(...) Sabemos que o homem Branco não compreende o nosso modo de vida. (...) A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga (...). O seu apetite devorará a terra deixando atrás de si só o deserto. (...) Contaminai os vossos leitos e uma noite morrereis afogados nos vossos próprios detritos. (...) Termina a vida e começa a sobrevivência.”

A visão da paisagem triste a que o invasor reduziu a Terra mãe e irmã, não apaga na voz do sábio Pele Vermelha a palavra da esperança:

“Por fim talvez sejamos irmãos. Veremos isso. Sabemos uma coisa que talvez o Homem Branco descubra um dia: o nosso Deus é o mesmo Deus. (...) Ele é o Deus dos homens e a Sua compaixão reparte-se por igual entre o Pele Vermelha e o Homem Branco.”

Na releitura que faço de Freire na perspectiva de uma Ética da Libertação, inscrevi sua obra numa constelação que denomino “Ética das Grandes Convergências”, num diálogo amplo de Freire com outros mestres insignes da humanidade dos nossos tempos. Trata-se de uma veemente afirmação coletiva da vida. Em geografias e idiomas diferentes, eles falam linguagens muito semelhantes: não-violência (Gandhi, Luther-King), compaixão (Dalai Lama, Leonardo Boff, Chefe Seattle), socialização (João XXIII), convivialidade (Illich), encontro (Fanon, Garaudy), perdão (Ricoeur, Dalai Lama), diálogo (Freire, Dussel), comunicação/amor (Mounier), solidarismo (Lebret), luta/amor (Guevara), socialismo (todos), esperança (todos), fraternidade (todos), amor (todos).

Freire conclui seu livro mais importante (1998:184) com estas palavras:

“Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar.”

post-scriptum

Não é usual um “post-scriptum” no texto de uma palestra, de um artigo ou do capítulo de um livro. Mas é a maneira que encontrei para acrescentar estas palavras necessárias. Quando entreguei meu escrito para ser digitado, eu tinha a sensação nítida de que não estava concluído, e disse à digitadora que iria acrescentar um parágrafo; este seria sobre o significado ético-político do Fórum Social Mundial. Agora estou escrevendo enquanto as imagens, as notícias e os comentários da televisão nos informam sobre os desdobramentos mundiais dos episódios trágicos ocorridos ontem, dia 11 de setembro, em Nova York e Washington. A história do Mundo mudou. Quarenta ou cinquenta anos atrás o mundo mudava com certo ritmo. Hoje as mudanças são cada vez mais rápidas e

imprevisíveis. Como serão as novas mudanças, não sabemos. A certeza é de que serão profundas. Eu me pergunto se algo seria ainda atual na palestra que escrevi para o III Colóquio Internacional Paulo Freire, do Recife. Mas nem tudo mudou. Lembro assustado o que escrevi, considerando tragicamente ridículo que um presidente achasse possível construir um escudo protetor para preservar apenas o seu povo. Vários depoimentos de americanos ouvidos ontem e hoje, exprimem esta sensação: “Não podíamos imaginar que fôssemos tão vulneráveis.” Lembrei inúmeras vezes, nestas vinte e quatro horas, o que escreveram Mounier e Ricoeur, sobre a mudança radical de perspectivas para a sobrevivência humana perante os perigos da energia nuclear. Releio minha citação de Leonardo Boff: “Este livro vem escrito a partir de uma perspectiva de urgência.” Olho para a capa do livro: duas mãos segurando carinhosamente o planeta; é a atitude expressa no subtítulo: compaixão pela terra. Como ela é frágil! É o que pareciam dizer-nos Mounier e Ricoeur perante o mistério da energia nuclear. Releio a última frase da Carta escrita em 1854 pelo Chefe Seattle ao Grande Chefe Branco de Washington: “Termina a Vida e começa a sobrevivência!” Folheio o jornal. As manchetes falam de: terror, tragédia, pânico, caos, desespero, medo, horror, angústia, guerra, júbilo (!), perplexidade, retaliação. Mas falam também de solidariedade. Até mesmo inimigos tradicionais dos Estados Unidos condenaram com veemência os horrorosos atos de terrorismo que sacudiram o mundo. Uma das manchetes é esta: “Um novo rosto sairá da poeira.” Deus queira não seja com a expressão do ódio e da vingança. A sensação de fragilidade, experimentada pela Humanidade como um todo, é mil vezes maior hoje do que cinquenta anos atrás, perante a ameaça nuclear. Esta fragilidade imensa, vivenciada por aqueles que se consideravam a superpotência quase invulnerável, e que todos nós, cidadãos e cidadãos deste “minúsculo” planeta Terra, hoje vivemos, talvez faça que, após o caos, o “novo rosto” tenha as expressões da solidariedade.

O I Fórum Social Mundial, realizado na cidade de Porto Alegre, em janeiro de 2001, pôde ser resumido num brado imenso, vindo de todos os recantos do mundo, proclamando que “um outro mundo é possível”. O Fórum Social Mundial acontecerá de novo, em Porto Alegre, em janeiro de 2002. Os episódios de Nova York e Washington farão que seja, com certeza, muito mais veemente, em 2002, este grito de solidariedade e de esperança, para que seja finalmente possível “um mundo onde seja menos difícil amar” (Freire).

Referências Bibliográficas:

- ANDREOLA, Balduino A. Carta-Prefácio a *Pedagogia da Indignação*, de Paulo Freire. São Paulo: UNESP, 2000, 15-25.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DALAI-LAMA. *Uma Ética para o Novo Milênio*. 5. ed. Trad. De Maria Luiza Newlands. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão*. Trad. De Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen e Lúcia M. E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 2. ed. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Trad. De José L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FORO SOCIAL MUNDIAL – FÓRUM SOCIAL MONDIAL: Es Possible outro Mundo – Un autre monde est possible. *Programa Oficial – Programme Officiel*. Porto Alegre: Bureau Exécutif du Fórum Social Mondial, janeiro/2001.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 18.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia; Saberes Necessários à Prática Educativa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire e Prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- LEVINAS, Emmanuel. *Éthique comme Philosophie première*. Préfacé et annoté par Jacques Rolland. Paris: Éditions Payot/Rivages, 1998.
- MOUNIER, Emmanuel. La Petite Peur du XX^{ème} Siècle; *Oeuvres*, vol. III, Paris: Ed. Du Seuil, 1962, 341-425.
- MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. Trad. De João Bernardo da Costa. 4. ed. Lisboa: Moraes Editores, 1976.
- POEMA ECOLÓGICO, Carta do Chefe Seattle em 1854 ao Grande Chefe Branco de Washington. Resposta dum homem do Mundo de 1978 – Júlio Roberto. Lisboa: Edições ITAU.
- RICOEUR, Paul. *Histoire et Vérité*. Paris: Éditions du Seuil, 1995. Trad. De F. A. Ribeiro: *História e Verdade*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.
- RICOEUR, Paul. *Lê Pardon Difficile*. Épilogue de: *La Mémoire, L'Historie, L'Oubli*. Paris: Seuil, 2000, 591-656.
- WEIL, Simone. *A Gravidade e a Graça*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- WORD SOCIAL – *Fórum Social Mundial*. N.º 1. Porto Alegre, 28 de novembro de 2000.